

# PADRÕES DE ESTRUTURA ARGUMENTAL COM OS VERBOS DE PERCEPÇÃO

Sara Azevedo Santos de Melo (UFRN)<sup>1</sup>  
[sazevedosm@gmail.com](mailto:sazevedosm@gmail.com)

## INTRODUÇÃO

Neste trabalho a atenção se volta, especificamente, para a identificação e a investigação dos padrões de estrutura argumental mais frequentes dos quais os verbos de percepção *ver* e *olhar* participam, considerando amostras de língua falada e escrita. Do ponto de vista semântico, tais verbos se distribuem num *continuum* que pode ser assim expresso: (i) sentido concreto; (ii) sentido abstrato; (iii) marcador discursivo; (iv) expressão formulaica; e (v) expressão idiomática.

De modo específico, pretende-se: (i) examinar a configuração argumental desses verbos, agrupando-os, após isto, pelo tipo de estrutura argumental que manifestam; (ii) determinar os casos semânticos dos argumentos expressos na oração; e (iii) analisar aspectos morfossintáticos e discursivo-pragmáticos dos argumentos desses verbos.

Nesse sentido, faz-se necessário não apenas classificar os verbos das construções transitivas por tipo semântico, mas também estabelecer agrupamentos de verbos baseados em suas características básicas e no tipo de evento que designam. Em linhas gerais, os verbos de percepção conceitualizam uma experiência, por isso o argumento sujeito desses verbos desempenha o papel temático de experienciador. Sob a perspectiva da Linguística Funcional Centrada no Uso, pressupõe-se que motivações de natureza cognitiva e interacional se articulam no uso discursivo desses verbos, e assume-se que há um paralelismo entre a categorização conceptual e a categorização linguística, ou seja, conhecimento de mundo e conhecimento linguístico não se separam.

As ocorrências foram selecionadas de Narrativas de experiência pessoal e recontada e Relatos de procedimento (nas modalidades oral e escrita), produzidos por quatro estudantes do ensino médio, coletados no Corpus Discurso & Gramática: a língua falada e escrita na cidade do Natal (FURTADO DA CUNHA, 1998) e de vinte e cinco textos oriundos da revista *IstoÉ*, contemplando cinco diferentes gêneros textuais. Nestes, incluem-se os seguintes: editorial, carta de leitor, coluna social, entrevista e propaganda comercial, distribuídos em cinco textos por gênero. A intenção é contemplar uma variada gama de gêneros discursivos com diversidade temática, nas distintas modalidades de linguagem (fala e escrita), e com diferentes formas de estruturação e veiculação (suporte midiático). Esse procedimento se justifica no objetivo de verificar a relação entre gênero discursivo e padrões de estrutura argumental mais frequentes.

Destaca-se a necessidade de investigar os padrões de estrutura argumental com os verbos *ver* e *olhar*, em amostras de fala e escrita da língua, considerando as ocorrências tanto no sentido concreto quanto no abstrato, a fim de identificar motivações para a recorrência a um ou outro padrão. Tal investigação possibilitará uma maior compreensão a respeito de uma das classes dos verbos de atividades mentais, os verbos de percepção, destacando fatores semânticos, discursivos e pragmáticos, e contribuindo para uma possível mudança de postura no modo de se estudar as relações entre formas e funções. A escolha por investigar os padrões dos quais esses verbos participam se justifica pelo fato de acreditar que: (i) os usos

---

<sup>1</sup> Aluna do Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem (PPgEL)/Bolsista CAPES (Mestrado)

dos verbos *ver* e *olhar* seguem uma unidirecionalidade em termos de prototipia, do sentido concreto para o abstrato; (ii) os padrões sintáticos com esses verbos expressam significados ligeiramente diferentes; (iii) os verbos de visão são mais facilmente metaforizados; (iv) há uma relação entre o gênero discursivo e os tipos de padrão de estrutura argumental.

Serão apresentados os seguintes pontos no decorrer do trabalho: a fundamentação teórica, os verbos de percepção, alguns resultados e as considerações finais.

De modo específico, os resultados deste trabalho podem contribuir para o planejamento de estratégias para o ensino, levando os alunos a refletirem sobre o funcionamento geral da língua e de suas formas em particular.

## 1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este trabalho fundamenta-se nos pressupostos da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), em inglês, *Usage-Based Linguistics*, ou Linguística Cognitivo-Funcional (*Cognitive-functional Linguistics*), defendidos nos termos de Tomasello (1998) e Furtado da Cunha; Bispo; Silva (2013). Tal perspectiva designa uma tendência funcional de abordagem das línguas, sendo representada por alguns nomes como Talmy Givón, Paul Hopper, Sandra Thompson, Wallace Chafe e Elizabeth Traugott, além de cognitivistas, a exemplo de George Lakoff, Ronald Langacker e Adele Goldberg. No Brasil, os estudos nessa linha ganharam força no início dos anos 80, com pesquisadores que também propuseram fatores de natureza comunicativa e cognitiva para interpretar o funcionamento de tópicos morfossintáticos em textos falados e escritos.

A Linguística Funcional norte-americana ganhou projeção a partir da década de 1970, dando ênfase a pesquisas sobre o uso da língua do ponto de vista do contexto linguístico e da situação extralinguística. Já a Linguística Cognitiva, que também surgiu na mesma época em que a Funcional, defende a existência de princípios cognitivos gerais compartilhados pela linguagem e por outras capacidades cognitivas, enfatizando a interação entre estrutura linguística e conteúdo conceptual, conforme Ferrari (2011).

A abordagem cognitiva e a funcionalista compartilham os seguintes pressupostos teórico-metodológicos: a rejeição à autonomia da sintaxe; a incorporação da semântica e da pragmática às análises; a não distinção estrita entre léxico e gramática; a relação estreita entre a estrutura das línguas e o uso que os falantes fazem delas nos contextos reais de comunicação; o entendimento de que os dados para a análise linguística são enunciados que ocorrem no discurso natural, só para citar alguns. A gramática é vista como representação cognitiva da experiência dos indivíduos com a língua; portanto, ela pode ser afetada pelo uso linguístico.

A LFCU postula que uma determinada estrutura da língua não pode ser estudada, descrita ou explicada de maneira proveitosa se desvinculada do contexto comunicativo real em que é utilizada. Ou seja, o funcionalismo pretende explicar a língua com base no seu uso interacional, levando em conta tanto a situação linguística quanto a extralinguística. Segundo Furtado da Cunha (2009, p. 163), nessa perspectiva, percebe-se um vínculo entre discurso e gramática: “a sintaxe tem a forma que tem em razão das estratégias de organização de informação empregadas pelos falantes no momento da interação discursiva”. Dessa forma, o locutor seleciona os mecanismos (morfossintáticos, por exemplo) adequados ao momento de comunicação com o interlocutor, conforme seus objetivos comunicativos, para que o diálogo se dê de maneira eficaz. Sendo assim, a linguagem é concebida como instrumento de interação social, e busca-se na situação comunicativa a explicação para os fatos da língua.

Conforme a Linguística Cognitiva, “a gramática de uma língua constitui um conjunto de princípios dinâmicos que se associam a rotinas cognitivas que são moldadas, mantidas e

modificadas pelo uso” (MARTELOTTA; PALOMANES, 2009, p. 181). Ou seja, a comunicação se dá numa série de movimentos feitos em conjunto pelos interlocutores a fim de que haja compreensão mútua.

A respeito dessa associação entre o Funcionalismo e a Linguística Cognitiva, se diz que, para produzir um texto, o falante precisa ser capaz de selecionar os arranjos adequados àquela situação específica de comunicação a partir de esquemas cognitivos de domínio geral. Isso envolve as capacidades de simbolização, de armazenamento de informação na memória, de transferência entre domínios, entre outros, conforme Martelotta (2006). Observando esses aspectos, nota-se o caráter dinâmico da língua, que se ajusta a cada situação diferenciada de uso. Nessa abordagem, afirma-se, então, que as nossas experiências com o mundo externo nos ajudam a desenvolver e a compartilhar novas construções gramaticais; as categorias que nos servem para classificar os objetos derivam das experiências vivenciadas no mundo.

Alguns tópicos propostos pela abordagem cognitivo-funcional são: (i) a importância do contexto nos processos de significação; (ii) a importância dos mecanismos de mudança para compreender o fenômeno da linguagem; (iii) a não distinção entre léxico e sintaxe, uma vez que a unidade linguística básica passa a ser a construção, que pode ser caracterizada por qualquer elemento formal diretamente associado a algum sentido, alguma função pragmática ou alguma estrutura informacional (MARTELOTTA, 2010).

Portanto, o funcionalismo “é formado por um conjunto de subteorias que coincidem na postulação de que a língua tem funções cognitivas e sociais” (CASTILHO, 2012, p. 21). Tais funções desempenham um papel central na determinação das estruturas e dos sistemas que organizam a gramática de uma língua. A teoria funcionalista, dessa forma, centra-se nas relações forma e função, especificando aquelas funções que parecem exercer influência na estrutura gramatical.

Alguns pressupostos postulados pela abordagem da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), conforme Furtado da Cunha; Bispo; Silva (2013) são: (i) a estrutura da língua emerge à medida em que esta é usada; (ii) os fatos linguísticos devem ser explicados, numa abordagem pancrônica, com base nas funções semântico-cognitivas e discursivo-pragmáticas que desempenham nos diversos contextos de uso da língua; (iii) a gramática é concebida como resultado da estruturação de fatores cognitivos e comunicativos da língua; (iv) as funções da língua são fundamentais, de modo que cada entidade linguística deve ser definida de acordo com o papel que desempenha no processo real de comunicação; (v) os dados para análise são coletados em situações de uso real da língua.

Para aprofundar a investigação sobre determinados padrões de estrutura argumental, serão utilizadas as categorias analíticas de transitividade e prototipicidade e as noções de estrutura argumental e metáfora.

Quanto à transitividade, diz-se tradicionalmente que é uma propriedade dos verbos, classificados como transitivos, quando acompanhados de objeto direto ou indireto, ou intransitivos, quando não há um complemento. Seguindo a proposta de Hopper e Thompson (1980), a transitividade não representa uma oposição binária entre esses tipos de verbos, mas é uma propriedade escalar que focaliza diferentes ângulos da transferência de ação de um agente para um paciente, em diversas partes da oração, ou seja, não é uma propriedade do verbo apenas. Dessa forma, destacam-se os seguintes aspectos: participantes da ação, cineses, aspecto do verbo, punctualidade do verbo, intencionalidade do sujeito, polaridade da oração, modalidade da oração, agentividade do sujeito, afetamento do objeto e individuação do objeto.

A prototipicidade reflete propriedades inerentes da percepção humana na categorização de objetos. Dessa forma, cada protótipo possibilita a realização de tarefas inferenciais ou imaginativas sobre uma determinada categoria; as coisas percebidas são distribuídas num *continuum* categorial. Neste trabalho, a categoria será utilizada para verificar

o padrão de estrutura argumental prototípico dos verbos de percepção *ver* e *olhar*, a partir das ocorrências encontradas e analisadas, com base na frequência de uso do falante.

Segundo Furtado da Cunha (2006), a estrutura argumental de um verbo representa o número de argumentos que ele pode (argumento opcional) ou deve (obrigatório) tomar. Por sua vez, o termo “argumento” identifica qualquer elemento sintático e semântico relacionado ao verbo (agente, paciente, experienciador, etc.). O excerto a seguir ilustra tal estrutura:

- (1) “... já começavam a olhar pra mim e não sei que e falava ‘mas Gerson tu é doido...’”  
(*Corpus D&G*, p. 79)

Em (1), o verbo *olhar* denota uma ação vivenciada por um referente, que passou pela experiência de ser notado em determinada situação. Percebe-se, ainda, que o complemento do verbo de percepção é introduzido em um Sintagma Preposicional (SPrep). De acordo com Borba (1996), o uso de *olhar*, nesse caso, implica direção e exige um SPrep que complete seu sentido.

Quanto à metáfora, seria a representação de um fenômeno que realiza operações entre domínios cognitivo-conceituais, conforme a abordagem centrada no uso, imprescindível no processamento mental e na significação comunicativa. Segundo Lakoff e Johnson (1999), ocorrem mapeamentos entre domínios conceituais, nas metáforas comuns, em que determinadas noções de um domínio são projetadas em outro. Para a LFCU, a metáfora desempenha papel importante na gramaticalização, pois utiliza um conceito de base mais concreta, vinculado à experiência sensorio-motora, num contexto abstrato, assumindo uma nova função gramatical, conforme Furtado da Cunha; Bispo; Silva (2013).

Segundo Tomasello (1998), todas as construções derivam de eventos ou tipos de eventos recorrentes, com relação aos quais as pessoas de uma cultura têm objetivos comunicativos recorrentes. Ou seja, há uma relação clara entre um evento e sua estrutura conceitual mental, e entre esta e a sintaxe. A noção de metáfora se aplica, no caso deste trabalho, às ocorrências que figuram no sentido abstrato, isto é, àquelas que não se limitam ao uso mais prototípico do verbo (o sentido concreto). Observe-se o excerto seguinte:

- (2) teve uma discussão lá pra ver se colocava um cara no lugar do Ribamar (*Corpus D&G*, p. 81)

Nesse caso, o verbo *ver* tem o sentido de avaliação, e a oração apresenta um sentido abstrato, metafórico.

Portanto, a abordagem da Linguística Funcional Centrada no Uso e, em particular, as noções e categorias analíticas expostas anteriormente, servem de base para a investigação e a análise detalhadas dos padrões de estrutura argumental com os verbos de percepção *ver* e *olhar*. Leva-se em consideração fatores semânticos, pragmáticos e discursivos para a explicação do fenômeno empírico

## 2 VERBOS DE PERCEPÇÃO *VER* E *OLHAR*

Após a varredura das Narrativa de experiência pessoal e Narrativa recontada e do Relato de procedimento, coletados no *Corpus D&G*, além de alguns textos retirados da revista *IstoÉ*, foram encontrados os seguintes dados, sendo todos distribuídos, do ponto de vista semântico, no *continuum* já apresentado na seção anterior:

Ver	Fala	Escrita	Total
-----	------	---------	-------

Sentido Concreto	8	1	9
Sentido Abstrato	4	0	4
Marcador Discursivo	2	0	2
Expressão Formulaica	0	0	0
Expressão Idiomática	0	0	0

Quadro 1 – Narrativa de experiência pessoal (*Corpus D&G*)

Ver	Fala	Escrita	Total
Sentido Concreto	32	2	34
Sentido Abstrato	6	0	6
Marcador Discursivo	3	1	4
Expressão Formulaica	0	0	0
Expressão Idiomática	0	0	0

Quadro 2 – Narrativa recontada (*Corpus D&G*)

Ver	Fala	Escrita	Total
Sentido Concreto	11	0	11
Sentido Abstrato	0	0	0
Marcador Discursivo	3	0	3
Expressão Formulaica	0	0	0
Expressão Idiomática	0	0	0

Quadro 3 – Relato de procedimento (*Corpus D&G*)

Olhar	Fala	Escrita	Total
Sentido Concreto	11	0	11
Sentido Abstrato	0	0	0
Marcador Discursivo	3	0	3
Expressão Formulaica	0	0	0
Expressão Idiomática	0	0	0

Quadro 4 – Narrativa de experiência pessoal (*Corpus D&G*)

Olhar	Fala	Escrita	Total
Sentido Concreto	16	0	16
Sentido Abstrato	0	0	0
Marcador Discursivo	3	0	3
Expressão Formulaica	0	0	0

Expressão Idiomática	0	0	0
-------------------------	---	---	---

Quadro 5 – Narrativa recontada (*Corpus D&G*)

<b>Olhar</b>	<b>Fala</b>	<b>Escrita</b>	<b>Total</b>
Sentido Concreto	1	0	1
Sentido Abstrato	0	0	0
Marcador Discursivo	1	0	1
Expressão Formulaica	0	0	0
Expressão Idiomática	0	0	0

Quadro 6 – Relato de procedimento (*Corpus D&G*)

<b>Ver</b>	<b>Editorial</b>	<b>Carta do Leitor</b>	<b>Coluna Social</b>	<b>Entrevista</b>	<b>Propaganda Comercial</b>
Sentido Concreto	0	0	1	5	2
Sentido Abstrato	0	0	0	0	0
Marcador Discursivo	0	0	0	0	0
Expressão Formulaica	0	0	0	0	1
Expressão Idiomática	0	0	0	0	0

Quadro 7 – Revista *IstoÉ*

<b>Olhar</b>	<b>Editorial</b>	<b>Carta do Leitor</b>	<b>Coluna Social</b>	<b>Entrevista</b>	<b>Propaganda Comercial</b>
Sentido Concreto	0	0	0	1	0
Sentido Abstrato	0	0	0	1	0
Marcador Discursivo	0	0	0	1	1
Expressão Formulaica	0	0	0	0	0
Expressão Idiomática	0	0	0	0	0

Quadro 8 – Revista *IstoÉ*

Os quadros de 1 a 6 representam as ocorrências do *Corpus D&G*, divididas por modalidade (fala e escrita), e os quadros 7 e 8 representam as da revista *IstoÉ*, divididas por cinco diferentes gêneros textuais.

A partir de uma análise quantitativa, percebe-se que os verbos *ver* e *olhar* aparecem mais na modalidade falada do que na escrita, nas Narrativas de experiência pessoal e recontada e no Relato de procedimento. Isso acontece porque o falante, ao escrever sobre algo falado por ele anteriormente, pode omitir determinadas informações, seja de maneira intencional ou por esquecimento, tornando o texto reduzido, tanto no tamanho quanto no

conteúdo. No caso do Relato, há um número menor ainda de ocorrências, por ser um gênero mais breve do que a narrativa, exigindo, provavelmente, menos detalhamento das informações no decorrer do texto, principalmente na modalidade escrita.

Quanto à revista *IstoÉ*, os números mostrados nos quadros são reduzidos, em comparação aos do *Corpus D&G*, provavelmente, por tratar-se de um suporte textual impresso que obedece a determinadas normas editoriais, tais como extensão do texto, quantidade de páginas por seção, refinamento da linguagem, público-alvo a quem se destina o texto, tornando limitado o discurso dos falantes.

O gênero *entrevista* foi o que mais apresentou ocorrências, possivelmente porque se assemelha às narrativas, no sentido de haver uma interação entre os interlocutores, e pelo fato de um interlocutor relatar uma sucessão de fatos a respeito de determinado assunto, de acordo com questões previamente elaboradas pelo entrevistador. Além disso, a entrevista é transcrita para um veículo de comunicação, a revista, sendo, dessa forma, omitidos determinados traços, tais como gestos e retomadas de pensamento.

A seção seguinte consiste na análise e discussão dos dados apresentados à luz do referencial teórico adotado, focalizando a língua em uso.

### 3 RESULTADOS

Baseada nos estudos de Sweetser (1990), Antuñano (1999) afirma que os verbos de percepção caracterizam um processo biológico, a partir do qual os cinco sentidos (visão, audição, olfato, paladar e tato) auxiliam na descrição de objetos e eventos do mundo, utilizando as informações recolhidas pelo cérebro. Dessa forma, os verbos de percepção estão estreitamente relacionados com os verbos de cognição, mas são assim denominados porque envolvem esses sentidos, enquanto os de cognição envolvem processos mentais ou cognitivos.

Os verbos de percepção conceitualizam uma experiência, por isso o argumento sujeito desses verbos desempenha o papel temático de experienciador. Segundo Cançado (1996), tal papel temático, determinado pelo predicador, deve: (i) estar em um estado psicológico, seja no sentido estativo, seja no sentido processual de que passou por um processo de mudança para entrar nesse estado; (ii) ser animado; (iii) ser afetado por um processo e (iv) ter o controle de sua própria experiência psicológica. Dadas essas características, os verbos em questão são classificados como de processo.

Conforme Borba (1996), estes expressam um evento ou sucessão de eventos que afetam um sujeito paciente (quando acontece algo com o sujeito) ou experienciador (quando o sujeito experimenta algo). No entanto, alguns desses verbos classificados como de percepção podem ocorrer com um sujeito agente, o que caracteriza os verbos de ação, e não com um sujeito experienciador, típico do verbo que representa uma atividade mental.

Do ponto de vista semântico, os verbos de percepção se distribuem num *continuum* que pode ser assim expresso: (i) sentido concreto; (ii) sentido abstrato; (iii) marcador discursivo; (iv) expressão formulaica; e (v) expressão idiomática.

- (3) "... só vai ver a água saindo lá nos filtros... que é a fase de filtração..." (*Corpus D&G*, p. 91)
- (4) "Numa aliança é preciso olhar o todo, o processo geral." (*Isto É*, p. 12)
- (5) "olha... eu detesto essas coisa... eu num admito também ... que mãe ... namorado ... fica ... sabe? pressionando ..." (*Corpus D&G*, p. 104)
- (6) "Nos vemos em 2014!" (*Isto É*, p. 91)

Os excertos anteriores ilustram as categorias de (i) a (iv), respectivamente. No primeiro caso, há uma ocorrência do verbo *ver* no seu sentido concreto, que denota perceber

pela visão, que também é o sentido de entrada do verbete no dicionário eletrônico Houaiss (2006). Já no segundo, o verbo *olhar* é usado num sentido mais abstrato, metafórico, significando analisar os candidatos que fazem parte da aliança. A ocorrência (5) denota uma expressão que acentua ou chama a atenção de alguém para o assunto da conversa, sendo classificada como marcador discursivo. Quanto à última ocorrência, trata-se de uma expressão formulaica de convite, ou seja, a organização do evento convida os participantes a comparecerem ao próximo festival de filmes. A respeito do caso (v), não foi encontrada, até então, nenhuma ocorrência.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise inicial de algumas ocorrências com os verbos de percepção *ver* e *olhar* permite apontar alguns caminhos. Confirmou-se que há diferenças entre fala e escrita e que o verbo prototípico de um determinado tipo de evento deve ser definido pelas relações sintáticas e pelos papéis semânticos associados a esse evento. Ou seja, cada verbo especifica sua moldura semântica, de acordo com as situações de uso. Mais uma vez, isso corrobora o fato de que, em se tratando da gramática das orações, não há espaço para estruturas fixas, pois a estrutura argumental é variável e sua ocorrência tem a ver com as situações reais de uso linguístico.

Apesar de as construções mais comuns na língua fornecerem opções cristalizadas ou convencionalizadas, os verbos e suas estruturas argumentais são mutáveis, capazes de assumir comportamentos sintático-semânticos diferentes. Embora mais distantes do protótipo, os verbos de percepção, em geral, comportam-se como transitivos, acompanhados de complemento objeto direto, e não podem ser excluídos numa abordagem que prevê um tratamento escalar da transitividade.

Portanto, ratifica-se que determinada estrutura argumental de um verbo, uma vez cristalizada, torna-se um recurso disponível e econômico para os membros da comunidade discursiva, devido a sua frequência de uso. Dessa forma, vale salientar a importância de se trabalhar com a língua em uso em sala de aula, como forma de apresentar aos alunos os diversos padrões de estrutura argumental que podem surgir na estrutura de um texto, com apenas um verbo, em qualquer gênero.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BORBA, F. S. *Valência verbal*. In: \_\_\_\_\_. Uma gramática de valências para o português. 1ª Ed. São Paulo: Ática, 1996. p. 46-74.
- BORBA, F. S. *Dicionário de Usos do Português do Brasil*. 1ª Ed. São Paulo: Ática, 2002.
- CASTILHO, A. T. *Funcionalismo e gramáticas do português brasileiro*. In: SOUZA, E. R. (org.). *Funcionalismo linguístico: novas tendências teóricas*. São Paulo: Contexto, 2012.
- FERRARI, Lilian. *Introdução à Linguística Cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2011.
- FURTADO DA CUNHA, M. A. (Org.). *Corpus Discurso & Gramática - a língua falada e escrita na cidade do Natal*. Natal: EDUFERN, 1998. p. 79-142.
- FURTADO DA CUNHA, M. A. *A relação gramatical objeto direto na fala e na escrita*. In: MOURA, D. (org.). *Os desafios da língua – Pesquisas em língua falada e escrita*. Maceió: EDUFAL, 2008. p. 439-442.
- FURTADO DA CUNHA, M. A. *Funcionalismo*. In: MARTELOTTA, M. E. (org.). *Manual de Linguística*. São Paulo: Contexto, 2009.



- FURTADO DA CUNHA; BISPO; SILVA. *Linguística Centrada no Uso: conceitos básicos e categorias analíticas*. In: CEZARIO; FURTADO DA CUNHA (orgs.). *Linguística Centrada no Uso: uma homenagem a Mário Martelotta*. Rio de Janeiro: Mauad, 2013. p. 9-34.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Philosophy in the flesh*. New York: Basic Books, 1999.
- MARTELOTTA, M. E. *Funcionalismo*. In: Wilson, V.; Martelotta, M. E.; Cezario, M. M. *Linguística: Fundamentos*. Rio de Janeiro: CCAA Editora, 2006. p. 231-265.
- NEVES, M. H. M. *A visão funcionalista da linguagem*. In: *Texto e gramática*. São Paulo: Contexto, 2007. p. 15-34.
- SCHLESINGER, I. M. *Mental verbs*. In: *Cognitive space and linguistic case: semantic and syntactic categories in English*. Cambridge University Press, 1995.
- SWEETSER, E. E. *Semantic structure and semantic change: English perception-verbs in an Indo-European context*. In: \_\_\_\_\_. *From etymology to pragmatics: metaphorical and cultural aspects of semantic structure*. Cambridge studies in linguistics, n. 54, 1990. p. 23-48.
- Falô Mário! Homenagem ao professor Mário Martelotta*. Disponível em: [http://www.discursioeagramatica.lettras.ufrj.br/download/homenagem\\_livro\\_mario.pdf](http://www.discursioeagramatica.lettras.ufrj.br/download/homenagem_livro_mario.pdf) Acesso em: 10/06/13.
- Polysemy and metaphor in perception Verbs: a cross-linguistic study*. Disponível em: <http://www.unizar.es/linguisticageneral/articulos/Ibarretxe-PhD-Thesis-99.pdf>. Acesso em: 20/09/2012.
- IstoÉ Independente*. São Paulo: Ed. Três, nº 2283, 21 ago. 2013.
- IstoÉ Independente*. São Paulo: Ed. Três, nº 2285, 4 set. 2013.
- IstoÉ Independente*. São Paulo: Ed. Três, nº 2287, 18 set. 2013.
- Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*. Versão 2.0. Instituto Antônio Houaiss. Editora Objetiva Ltda. 2006. CD-ROM.